



## Professor Visitante Sênior fala sobre fronteiras e xenofobia em evento de formação

A Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UFFS realizou, na quarta-feira (17), o XIX Módulo do Programa de Formação em Pesquisa e Pós-Graduação. Servidores da UFFS, estudantes e pessoas da comunidade regional acompanharam a exposição do professor do Programa Visitante Nacional Sênior (PVNS), Valmir Francisco Muraro, sobre o tema “Fronteiras, Nacionalismo e Xenofobia”.

O professor e pesquisador fez um relato do trabalho que realizou na UFFS durante os quatro anos que permaneceu no Programa, com destaque para a pesquisa de campo que implementou para o livro “Colonização, Conflitos e Convivências nas Fronteiras do Brasil, da Argentina e do Paraguai”. A publicação teve como organizadores Valmir Muraro e o professor da UFFS, Delmir José Valentini.

Muraro, que escreveu o capítulo “Mundo 'novo' sem fronteiras: brasileiros, sojeiros e agronegócios em território paraguaio”, contextualizou as questões envolvendo fronteiras, nacionalismo e xenofobia sob o ponto de vista das informações



que obteve quando analisou a situação das relações estabelecidas na região da fronteira entre Brasil e Paraguai. Conforme Muraro, um dos problemas quando se estabelecem fronteiras, as quais podem ser de caráter econômico, cultural ou ecológica, é a separação das pessoas, criando o “Eu” e o “Outro”.

A pesquisa de campo e a análise de documentos revelaram, também, que a xenofobia pode manifestar-se como uma forma de proteção ou reação em relação ao tratamento que uma comunidade recebe de

outra. De acordo com as constatações do professor visitante sênior, existe um certo xenofobismo dos cidadãos paraguaios em relação aos brasileiros, por conta do número excessivo que transpôs a fronteira e explora o território para o agronegócio, causando diversos problemas econômicos e de depredação do meio ambiente. “Quem vive nas regiões de fronteira vê estes fatos de forma diferente daqueles que estão nos gabinetes e precisam tomar as decisões”, analisa Muraro.

## Campus Cerro Largo: Seminário fomenta debates e reflexões sobre a produção de literatura

Na última quinta-feira (18) foi o encerramento do I Seminário de Pesquisa em Estudos Literários e Ensino de Literatura do curso de Letras – Português e Espanhol na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) – Campus Cerro Largo. O evento, que iniciou as atividades no dia 16, contou com

grande participação de discentes do curso, além de estudantes do Ensino Médio de Cerro Largo, e de docentes do campus.

Nas palavras do organizador, professor Pablo Berned, o seminário foi um excelente espaço para reflexão. “O evento foi uma ótima oportunidade de divulgar

para os estudantes e para os professores os trabalhos desenvolvidos na área dos estudos literários. Dos diálogos que foram provocados nas três tardes, certamente sairão ideias para trabalhos futuros. Tenho a convicção de que o evento foi um sucesso, e já estamos pensando em uma

segunda edição em breve”, comenta. Os trabalhos apresentados foram expostos por estudantes do curso de Letras do Campus, contando com a participação de uma egressa do curso, Carine Angst, e também por docentes do curso.

Na abertura Pablo discorreu sobre sua trajetória de pesquisa acadêmica envolvendo a vida e a obra de Marguerite Duras. Na segunda tarde do seminário, foi o professor Demétrio Paz quem abordou “O conto africano em sala de aula”, relatando experiência de sua trajetória enquanto professor do Ensino Básico e realizando percepções sobre como trabalhar diferenças raciais e sociais, em sala de aula. O encerramento contou com uma fala da professora Neiva Graziadei, intitulada “Literatura, história e rastros: um diálogo fecundo”, e nela a professora abordou possibilidades a mais do estudo de literatura, sempre criando pontes entre seus estudos e tudo o que foi discutido no evento.

### **Literatura fora das bibliotecas**

Um dos grandes pontos do evento foi a participação da comunidade regional na tarde da abertura. O início dessa participação foi com a fala da escritora e idealizadora da editora Café Pequeno, de Santa Rosa, Dé Rodrigues, que apresentou os projetos realizados pela editora, além de algumas publicações. Dé chamou a atenção para os vários projetos sociais desen-

volvidos pela editora, como a capacitação de jovens escritores e projetos que levam acervos bibliográficos para comunidades do interior do município.

O deslocamento das bibliotecas para as ruas foi a temática da fala de uma das criadoras da Bicicloteca Fabrica Artema, de Santa Rosa, Fabi Padilha, que destacou a quantidade de projetos culturais florescendo no município de Santa Rosa. Fabi ainda contou sobre a origem das biciclotecas, que são bibliotecas com acervo público que circulam as ruas de suas cidades. Criadas originalmente por moradores de rua, que não conseguiam chegar às bibliotecas públicas das cidades, mas tinham ganas de ler.

A história da Bicicloteca Fabrica Artema, como conta Fabi, também se originou da rua: “estava caminhando com meu companheiro e nos deparamos com alguns livros, em bom estado, jogados em uma lixeira, e pensamos em como eles poderiam chegar às pessoas que realmente tivessem interesse”, explica. Atualmente a bicicloteca participa de diversos eventos no município e mantém um sistema simples de cadastramento para retirada de livros, para facilitar o acesso de quem tem interesse pela leitura.

A cidade de Santa Rosa ainda conta com a Associação Santa-rosense de Escritores (ASES), que foi apresentada pela escritora e atual presidente, Çiça Lima, que

além de mostrar diversos títulos organizados pela ASES, chamou a atenção para a possibilidade de escrever, pois “todo mundo é capacitado para escrever, mas temos de criar a cultura de mostrar nossos textos”, explica Çiça.

### **Produções independentes**

Outro bloco dessa mesma tarde foi a oficina “Quando o artista se autorrepresenta”, conduzida pelos artistas Daniel Eizirik e João Kowacs, de Porto Alegre, que atuam no Coletivo Cultural Contorno.me e são autores do livro “Mineiros cavam no escuro”. Na conversa, os escritores frsaram a literatura independente, que eles defendem como uma literatura livre de discussões de conteúdo, “uma literatura que possa ter um posicionamento político claro, ou seja lá o que for”, comenta Daniel. Eles ainda chamam a atenção para a editoria independente: “quando perguntam qual é a editora, respondemos que somos nós”, explica Daniel.

A oficina também debateu a bilateralidade da literatura, desde os clássicos até a literatura do dia a dia. “Ler um clássico é válido, mas nosso dia é cheio de textos belíssimos”, comenta João. Ele ainda finaliza chamando a atenção para a produção: “nós vemos os clássicos e imaginamos a literatura como uma inspiração divina, mas ela é um exercício, e temos de trabalhar na nossa construção”, aconselha.

## **Pesquisadora fala sobre Chapecó antiga e atual e aborda urbanização**

O “Seminário de Estudos Regionais sobre o Urbano e o Rural: Chapecó em Foco”, finalizado na quarta-feira (17), teve a presença da geógrafa e pesquisadora Maria Adélia de Souza. Professora da USP, Maria Adélia tem um currículo vasto e atua especialmente na área de Planejamento Urbano e Regional.

Ela, que tem uma história interessante com Chapecó, concedeu a entrevista a seguir para a UFFS. Abordou questões históricas e estudos atuais que vem realizando.

### **A senhora tem uma relação com Chapecó de algum tempo atrás...**

Em 1970 e 1971 eu trabalhei no Serfhou

– Serviço Federal de Habitação e Urbanismo do Ministério do Interior do Brasil. Naquela época o Serfhou administrava um fundo de planejamento cujo dinheiro era aplicado parte a fundo perdido nas prefeituras brasileiras e parte era para financiar planos diretores, planos de desenvolvimento urbano. E eu, ao trabalhar neste serviço, fiz uma proposta: mudar a ideia clássica de plano diretor, que era feita pela Arquitetura e pelos urbanistas da Arquitetura, e que a gente precisava introduzir uma análise geográfica regional, inclusive, e sair da técnica urbanística propriamente dita, na lida com a cidade. E propus, e meu chefe da época me autorizou, a fazer de

Chapecó um projeto-piloto. Então, Chapecó faz parte da história do planejamento urbano brasileiro por conta deste trabalho que fiz aqui e que, sob certo aspecto, revolucionou a metodologia de elaboração de planos diretores no Brasil. Isso foi em 1972.

### **Em que elementos a gente pode ver essas mudanças na nova concepção de planos diretores?**

Acabo de dar uma volta na cidade e se você ler o que proponho no final do termo de referência, eu acertei “na mosca” [risos]. A gente utilizou as teorias da época e já vislumbrava a potencialidade que Chapecó tinha para ser uma importante metrópo-

le regional do Oeste catarinense. Só acho que, hoje, Chapecó tem que reivindicar a condição de região metropolitana. Ela já merece e tem tudo para ser uma região metropolitana. Além de ter feitura, cara de região metropolitana na escala e na localização geográfica no território brasileiro, essa também é uma luta política. Porque a seleção de regiões metropolitanas há muito tempo deixou de ter... aliás, nunca foi o critério técnico ou geográfico que definiu uma região metropolitana. Acho que Chapecó tem a mesma situação de Sobral, no interior do Ceará. Advogo essa tese e saio por aí dizendo que elas têm que ser. Elas servem a grandes regiões que se organizam em torno delas. Em função do conceito de região que hoje se usa – nem todos os geógrafos o usam, mas eu, sim – como uma decorrência do conceito de espaço. Então você tem solidariedades organizacionais, orgânicas, institucionais que envolvem áreas imensas. No mínimo Chapecó deveria pesquisar, mas isto meus colegas devem estar estudando: Chapecó deve manter solidariedades organizacionais que viabilizam acontecimentos que trazem para cá pessoas, interesses, recursos de uma área bem mais ampla do que a cidade de Chapecó. Naquela época já tinha: eu assisti uma discussão muito interessante entre o Plínio De Nez e o Atílio Fontana. Ambos eram meus amigos e disputavam palmo a palmo a liderança política e regional. Concorrência naquela época era bem menor. Não sei o que aconteceu com Concorrência depois. Eu defendia Chapecó e o Atílio ficava bravo comigo porque eu estava estudando Chapecó... eu falei 'não é, é a evidência'. Mas tenho muito orgulho de ter sido pioneira nos estudos de Chapecó. Fizemos, naquela época, o que chamamos de termos de referência para o Plano de Desenvolvimento Urbano de Chapecó. Sem nenhuma modéstia, porque também não fiz sozinha, fiz com mais três colegas – eu, que sou geógrafa, um arquiteto, um economista e um administrador de empresas. Nós éramos bem jovens, mas

acho que fizemos um trabalho – estava relendo – muito bem feito. Fizemos a primeira planta de Chapecó, que não tinha, “na unha”! Todo mapeamento dos equipamentos e serviços – é uma belezinha. Tenho muito orgulho de ter proposto uma revolução de método na elaboração de plano diretor a partir de Chapecó. E que até hoje não foi superada: pelo contrário. Acho que em muitos casos, os arquitetos e urbanistas que saem das faculdades de Arquitetura e que ainda não aprenderam a usar os estudos geográficos – o que é uma pena, porque enfraquece os planos diretores –, Chapecó não. Foi para além do seu tempo há mais de 40 anos.

### **O que percebeu de Chapecó na década de 70 e quais as impressões da Chapecó atual?**

Chapecó da minha época era uma cidadezinha do interior. Tanto é que eu propus – se você for ler o Termo de Referência – que isso aqui seria uma metrópole regional, todo mundo deu risada. E o que é Chapecó hoje? É uma cidade com cara de metrópole. Não é uma cidade regional, é uma metrópole regional. Bonita, bem cuidada, limpa. Tem tudo o que há numa cidade quando cresce ou nas cidades grandes. E tende a empobrecer por conta da natureza do processo de desenvolvimento econômico do mundo de hoje, que é

seletivo por conta do uso da tecnologia. A tecnologia usa máquina e não usa gente. Então o desemprego e a pobreza vêm por aí. Vamos ter que achar outro modo de viver ou ... [risos], não tem dois caminhos. Mas Chapecó é linda. Quando estive aqui a igreja estava em reforma, hoje há uma bela catedral; avenidas largas, o centro era bem congestionado, parece que agora ele abriu, e as casas de comércio bem de cidadezinha do interior, com uma portinha baixa; não tinha tantos prédios. Fui no alto das torres de TV e ... nossa! A cidade é imensa. É assustador! Cinquenta anos, as cidades crescem! Foi muito emocionante, viu? É como se você carregasse um filho e de repente ele ficou maduro. E aí eu tenho ciúme, porque não consegui acompanhar. Sou uma mãe que foi embora e nunca mais voltou [risos]. Fiquei muito feliz com o convite dos colegas.

### **Falando um pouco do tema da sua palestra: gostaria que comentasse sobre o processo de modernização incompleta e quais as características que países ou regiões têm em comum quando sofrem este processo.**

Todos os países pobres jamais conheceram a modernidade. Falar em modernidade em país como o Brasil é mentira. Todas as modernizações são incompletas. Você não recebe nenhum segmento, seja



lá qual for, de maneira inteira. Aqui, por exemplo, na agroindústria, deve ter vários pedaços do processo que é necessário trazer de outros lugares. Lembro, na época, que o Plínio De Nez trouxe um veterinário – não sei se da Dinamarca ou da Suécia – para fazer as pesquisas mais avançadas e continuar na liderança da produção de frios e enlatados de qualidade, que era a briga com a Sadia, na época. Porque precisava: você tinha tudo, mas não tinha a pesquisa genética, tem tudo mas não detém um processo de duração do produto. Andei aqui e tem muitas ruas em bairros bons que não são asfaltadas. Tudo isso é modernização incompleta. As redes de esgoto e de água, que são tecnologias ligadas à saúde pública não atingem... Tudo é incompleto, porque tudo é político e tudo é seletivo. Antigamente, os processos de empobrecimento eram mais lentos, já que o desenvolvimento tecnológico e econômico eram mais lentos. Hoje não. Hoje ele é aceleradíssimo. Acho que está na hora da universidade liderar para valer um processo de discussão sobre o futuro. Se a universidade, que tem o dever de fazer isso por ofício não o fizer, os pobres, que serão em número muito grande, surpreenderão. E é hora também de começar a aceitar que o número de pobres vai aumentar. O grande produto da modernização incompleta, primeiro é que o capital tem que continuar a se reproduzir, porque é o modo de produção vigente no mundo. Para produzir hoje, ele tem que ser altamente tecnificado. E a tecnologia e a técnica são seletivas. Por quê? Porque a toda hora elas se superam. Todo mundo detendo a mesma máquina, você tem que aprimorar a máquina para aumentar a produtividade, e não contratar mais gente para trabalhar. Antigamente você tinha que comprar um torno, mas contratar quatro pessoas para os turnos. Hoje não, você tem que ter só máquinas, e as máquinas concorrem entre si. Então hoje a figura mais importante da fábrica não é o trabalhador, é o engenheiro que projeta máquinas cada vez mais avançadas. Então acho que já estamos vivendo em um outro processo no mundo civilizatório que as universidades precisam acordar e estudar. Porque estamos vivendo um processo gravíssimo no mundo, não só aqui.

**Quais as possibilidades de reversão desse processo de ter pessoas cada vez mais à margem: os trabalhadores do torno já não têm mais**

**o emprego e nem todos conseguem chegar a ser engenheiros. É um cenário assustador.**

Tenho uma idade já bem vivida. No meu tempo, a gente achava que com a industrialização, a invenção de novas máquinas, teríamos muito emprego. Tanto é que as premissas de Chapecó há 50 anos eram essas. Cinquenta anos não é muito tempo, para mim parece que foi ontem que estive aqui, mas é tempo. E o mundo mudou muito. O que tem que mudar é a racionalidade do mundo. O que eu quero dizer: até aqui o que prevalecia para fazer as escolhas era a racionalidade econômica, ou seja, você tem que ter emprego, ter salário para comer. Não vai ter emprego para todo mundo, não haverá. Os espanhóis, que são muito inteligentes, já estão pensando e pesquisando como será a sociedade do ócio. Você não vai mais precisar trabalhar para viver. Então nós saltamos de uma fase da história da humanidade em que o trabalho humano – e hoje o trabalho das máquinas – é indispensável para produzir coisas, para remunerar gente para sobreviver. Só que nós produzimos muito mais do que já produzimos na história da humanidade inteira, não precisamos de trabalhadores, mas de máquinas, e os trabalhadores estão ficando ociosos. Essa ociosidade – como eles são criativos – e estão dentro no mesmo modo de produção, os leva a buscar uma saída, que tem sido a prestação de serviços e o retorno do trabalho criativo, único, realizado por artesão. Como exemplo, a alta-costura italiana, que hoje se difundiu. Você tem produtos diferenciados e de qualidade. A máquina produz muito, mas padrão. A máquina costura muito, mas peças iguaizinhas. Isso se popularizou. Então se passa a ter uma exigência à diversificação dos produtos e à inovação dos trabalhos. Hoje, você já tem nas metrópoles brasileiras uma outra divisão do trabalho. Antes você tinha uma faxineira. Hoje há uma arrumadora de guarda-roupas, uma faxineira, uma que sabe limpar pratarias – só na prestação de serviços domésticos já há uma diversificação enorme. Na prestação de serviços públicos acho que isso também vai acontecer. Acho que os serviços é que tomarão o lugar da produção na criação de trabalho. Agora, nós vamos ter que mudar de mentalidade para conviver com o não trabalho. É um mundo novo, um novo projeto civilizatório que a universidade precisa começar a liderar e

a discutir: o que nós vamos fazer com as pessoas que não trabalham.

**A professora está fazendo um trabalho na Unila sobre os haitianos em Cascavel (PR). Chapecó tem algumas semelhanças com Cascavel, como a maioria das pessoas se declararem branca. Gostaria que falasse um pouco sobre essa pesquisa.**

Participei desta pesquisa que é coordenada por um professor sociólogo da Unila, o Zé Renato Martins. E ele me chamou para discutirmos algumas coisas. Eu discuti algumas questões teóricas, também a partir do que o Zé Renato constatou com as pesquisas de campo que ele fez com os estudantes de Graduação deles. Mas o que é terrível de constatar no Brasil é que o país ainda é muito conservador. O Brasil é um país NEGRO. É bom colocar isso na cabeça. Ou, no mínimo, cafuzo, ou, no mínimo, mameluco. Oitenta por cento da nossa população é “parda”, que é um jeito chique de dizer que não é preto. Mas o Sul é muito complicado. Os relatos que o Zé Renato conseguiu e que examinei, da forma de tratamento dos haitianos, tanto dentro da indústria quanto na cidade, é indigno. O Brasil precisa se conscientizar que temos um débito com a história mundial. Nós fomos o país que recebeu o maior contingente de negros escravos e foram eles que construíram o país. Não foram os índios, que foram dizimados, nem os portugueses, nem os italianos, dos quais eu sou descendente, ou o povo da Europa do Leste ou da Europa Central – foram os negros. Que plantaram o café, que plantaram cana, que foram colher pau-brasil, que se meteram no cacau. Se pegar os ciclos como Caio Prado escreveu, eles são os sujeitos da história do Brasil. E nós continuamos a tratar os negros brasileiros ou os negros que vêm para cá dessa forma... eles sofrem muito! O mundo vai ter que aprender. Os ricos serão minoria. No último relatório da ONU sobre urbanização, olha o que acontece: em vinte anos, as dez maiores metrópoles do mundo eram todas ocidentais. Agora, as dez maiores cidades do mundo capitalista são asiáticas, e com predominância de 90 a 95% de pobres, que estão migrando. Há uma movimentação da humanidade como jamais houve na face da Terra. E teremos que aprender a conviver com isso. Ou por bem, ou na marra, porque elas virão.

## UFFS – Campus Erechim e Sesc Erechim firmam parceria para realização de eventos culturais

Qua, 17 de agosto de 2016 -

A UFFS – Campus Erechim e o Sistema Fecomércio-RS/Sesc Erechim firmaram uma parceria que tem por objetivo promover eventos culturais em conjunto e levar manifestações artísticas para a comunidade acadêmica da UFFS e comunidade regional ao longo dos meses de agosto e setembro.

A programação já inicia no dia 18 de agosto com o CineSesc, que exibirá, no saguão do Bloco A do Campus Erechim, o “Curtas Gaúchos”, curtas-metragens pro-

duzidos pela RBS. As exposições ocorrem às 13h e às 20h50.

De 22 a 31 de agosto, o Espaço Saber e Lazer do Sesc Erechim, localizado na Rua Portugal, 490, Centro, receberá a exposição “O Nosso Pôr do Sol”, composta por fotografias de autoria de estudantes, professores e técnicos-administrativos do Campus Erechim. O local fica aberto ao público das 8h às 20h.

No dia 25, a Orquestra de Concertos de Erechim fará, na UFFS, um concerto alusivo aos 260 anos de nascimento do composi-

tor Wolfgang Amadeus Mozart. A apresentação será realizada no saguão do Bloco A, às 20h50.

A programação cultural encerra com a Mostra Literária Simões Lopes Neto, composta por banners que tratam da vida e obra do autor regionalista do Rio Grande do Sul. A Mostra ficará no saguão do Bloco de Professores de 13 a 30 de setembro.

Todas as atividades são gratuitas e abertas ao público.

## Laranjeiras do Sul discute Educação do Campo no Território Cantuquiriguaçu

Na manhã de quinta-feira (18) iniciaram as atividades de três eventos que acontecem de maneira integrada: o I Simpósio de Educação do Território Cantuquiriguaçu, o VIII Fórum de Educação do Campo de Cantuquiriguaçu e o II Seminário de

Fortalecimento das Políticas Públicas da Educação do Campo. Os eventos são promovidos pela UFFS – Campus Laranjeiras do Sul com apoio de parceiros. A programação se estende até o final da tarde de sexta-feira (19), nas dependências do Cine

Teatro Iguassu, em Laranjeiras do Sul.

Participam do encontro mais de 200 pessoas, entre representantes de escolas e secretários de Educação de diversos municípios localizados no Território Cantuquiriguaçu, além de professores e



acadêmicos dos cursos de Licenciatura da UFFS – Campus Laranjeiras do Sul, estudantes de Ensino Médio, professores das redes municipal e estadual de Laranjeiras do Sul e região.

Durante a abertura do evento, a diretora do Campus Laranjeiras do Sul, Janete Stoffel falou sobre a importância de se discutir a educação. Janete comenta que “a educação tem papel fundamental no desenvolvimento das pessoas e das cidades. Para a UFFS é um motivo de muito orgulho e responsabilidade em participar e protagonizar discussões que envolvem os temas centrais que busquem a melhoria da vida das pessoas, da região onde estamos

inseridos e consequentemente do país”.

Vitor de Moraes, um dos organizadores do evento, comenta que “o objetivo é aprofundar os estudos e debates e contribuir na tomada de decisões coletivas acerca das problemáticas elencadas como temáticas durante o evento, seja no âmbito da alimentação, do transporte e do fazer pedagógico das escolas desta região. Nesse sentido, o evento é aberto para socialização e partilha de outras práticas de formação, contando com o estudo teórico, que trará o aprofundamento da temática, envolvendo questões da sociedade, da educação e o papel da universidade”.

Moraes destaca ainda que “as temáti-

cas são de grande relevância para o contexto educacional, uma vez que são questões latentes no âmbito das escolas do campo e que implicam formas de trabalho no cenário da formação de professores”.

### Parceiros

Colaboram na organização do evento a UFFS, a Câmara Setorial de Educação do Conselho de Desenvolvimento do Território Cantuquiriguaçu (Condetec); a Articulação Cantuquiriguaçu por uma Educação do Campo; as Secretarias Municipais de Educação de Laranjeiras do Sul, Rio Bonito do Iguazu, Nova Laranjeiras e Três Barras do Paraná.

## Campus Realeza promove 1º Encontro Acadêmico das Licenciaturas

Estão abertas, a partir desta quarta-feira (18), as inscrições para o 1º Encontro Acadêmico das Licenciaturas, promovido pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) - Campus Realeza. O evento será de 05 e 09 de setembro e traz como proposta discutir os "Caminhos da Interdisciplinaridade".

O evento é uma iniciativa das coordenações dos cursos de Licenciatura da UFFS - Campus Realeza (Química, Física, Ciências Biológicas e Letras: Português/Espanhol), em conjunto com os centros acadêmicos.

Segundo o coordenador do evento, professor Eduardo de Almeida, o objetivo é promover "a integração entre os cursos de licenciatura, pois possuem interesses de cunho pedagógico em comum, o que oportuniza novas discussões e reflexão. A programação do encontro visa prover atividades de interesse comum e também com conteúdos específicos para cada área".

### Programação

Na abertura, marcada para o dia 05 de setembro, às 19h, na Casa da Cultura de Realeza, haverá o debate sobre "Formação Continuada de Professores", que contará com a participação dos professores Marcos Paim (Diretor STEM Brasil), Marcos Bagno (UNB), Paulo Henrique Schwalm (NRE - Francisco Beltrão).

A programação conta ainda com 29 minicursos e oficinas nas áreas de Letras, Química, Ciências Biológicas, Física, e oito palestras envolvendo temas como avalia-

ção, química forense, espécies ameaçadas, literatura regional, entre outros. Haverá também atividades culturais, com a participação de artistas da região Sudoeste.

Inscrições e Submissão de Trabalhos

A inscrição para o evento está disponível na página do Facebook | Encontro Acadêmico de Licenciaturas - UFFS/Realeza. O valor é de R\$20,00 até o dia 28 de agosto, sendo R\$ 30,00 na abertura do evento.

Interessados em enviar trabalhos acadêmicos têm até o dia 21 de agosto para submissão. São aceitos resumos e posters, os quais devem ser enviados para o e-mail: encontroacademico-daslicenciaturas@outlook.com.

### Programação Completa

#### Segunda-feira (05/09)

Local: Campus Realeza  
Minicursos e Oficinas - das 13h30min às 17h30min

1: Incrustação de insetos: Palestrante: Silvana Damin (UNIPAR), Luciana Graciano (UFFS) - 20 vagas

2: Linguagem G (PARTE 1): Palestrante: Carlos Wagner (Escola Rocha Pombo) - 20 vagas



3: Vivenciando a Metodologia STEM (Turma A): Palestrante: Carlos Wagner (Escola Rocha Pombo) - 20 vagas

4: A Linguagem no Espaço-tempo da Formação de Professores: Palestrante: Jackson Cacciamani (UFFS), Flávia Bedin (UFFS), Ronaldo Garcia (UFFS) - 20 vagas

5: Validação de Metodologias Analíticas: Palestrante: Fernanda Lima (UFFS) - 20 vagas

Intervalo Cultural - 15h às 15h20min  
Cerimônia de Abertura - das 19h às 22h.

Local: Casa da Cultura de Realeza  
19h às 19h30min - Intervenção Cultural: Intervenção Corporal Ciclo da Água

Grupo de Teatro Ciência em Cena  
19h30min às 22h: Mesa Redonda: Formação Continuada de Professores. Palestrantes: Marcos Paim (Diretor STEM Brasil), Marcos Bagno (UNB), Paulo Henrique Schwalm (NRE - Francisco Beltrão)

### **Terça-feira (06/09)**

Local: Campus Realeza  
Minicursos e Oficinas - das 13h30min às 17h30min

2: Linguagem G: Palestrante: Carlos Wagner (Escola Rocha Pombo) - 20 vagas

3: Vivenciando a Metodologia STEM (Turma B): Palestrante: Marcos Paim (Diretor STEM Brasil) - 20 vagas

6: A Intertextualidade e o Dialogismo na Leitura e Análise de Textos Literários: Palestrante: Saulo Gomes Thimoteo (UFFS) - 20 vagas

7: Plantas Medicinais e Preparação de Fitoterápicos: Um Projeto em Colaboração com a Pastoral da Criança: Palestrante: Letiêre Cabreira Soares (UFFS), Carme Cerutti (Pastoral da Criança), Ivone de Matos (Pastoral da Criança), Fernanda Morgan (UFFS) - 20 vagas

8: Análise Textual Discursiva: Entre as Emergências e Compreensões da Pesquisa Qualitativa em Educação: Palestrante: Jackson Cacciamani (UFFS), Ronaldo Garcia (UFFS) - 20 vagas

Palestras - das 19h às 22h40min  
Avaliação do Ensino-Aprendizagem  
Palestrante: Sandramara Matias Chaves (UFG)

Horário: 19h00 - 20h40

Vagas: 140

Branquitude

Palestrante: Renata Orlandi (UFFS)

Horário: 21h00 - 22h40

Vagas: 140

Aplicação da Dinâmica de Fluidos em Foguetes

Palestrante: Guilherme Bertoldo (UTFPR - Francisco Beltrão)

Horário: 19h00 - 20h40

Vagas: 80

As Ondas Gravitacionais, um Novo Olhar ao Universo

Palestrante: César Henrique Lenzi (UTFPR - Medianeira)

Horário: 21h00 - 22h40

Vagas: 80

Minicursos e Oficinas - das 19h às 22h40min

9: Brincando e Aprendendo com Insetos Aquáticos: Palestrante: Bruna Maria Capitanio (UNOCHAPECÓ) - 20 vagas

10: Aprendizaje de Español en la Educaci-

ón Básica: Películas de Animación para la Enseñanza de Lengua y Cultura: Palestrante: Naiane Carolina Menta Tres (UFFS), Marilene Aparecida Lemos (UFFS) - 20 vagas

11: O Rock Brasileiro nos Anos 80: Entre o Final da Ditadura e a Redemocratização: Palestrante: Sergio Massagli (UFFS) - 20 vagas

12: Socorro... como Faço a Apresentação de Trabalhos Acadêmicos?: Palestrante: Rosiane Moreira da Silva Swiderski (UFFS) - 20 vagas

13: A Potencialidade da Temática "Cosméticos" na Compreensão dos Fenômenos da Ciência: Palestrante: Gisele Louro Peres (UFFS), Jackson Cacciamani (UFFS) - 20 vagas

14: Tratamento de Resíduos Agroindustriais: Conceitos e Aplicabilidades  
Palestrante: Denise Palma (UNIOESTE) - 20 vagas

15: Análise do Solo Através da Cromatografia de Papel: Uma Alternativa Econômica e Eficiente para o Pequeno Agricultor: Palestrante: Edineia Paula Sartori Schmitz (UFFS) - 20 vagas

16: "Serpentes do Sul do Brasil": Palestrante: Renato Silveira Bernils (UFES) - 20 vagas

### **Quinta-feira (08/09)**

Local: Campus Realeza  
Minicursos e Oficinas - das 13h30min às 17h30min

17: Minifoguetes: Palestrante: Nicholas Dicati Pereira da Silva (UFPR) - 20 vagas

18: Desenho Geométrico: Palestrante: Carlos Cecatto (UFFS) - 20 vagas

19: Técnicas de Campo para Amostragem em Riachos (Parte 1): Palestrante: Gilza Maria de Souza Franco (UFFS), Rui Márcio Franco (UNIOESTE) - 20 vagas

20: A leitura como Ato: O Encontro do Eu e do Outro Via Escrita na Educação Escolar em Linguagem: Palestrante: Aline Cassol Daga (UFFS) - 20 vagas

Palestras - das 19h às 22h40min  
Verso, Reverso, Inverso: O Olhar dos Poetas  
Palestrante: Tere Tavares (Cascavel), Solivan Brugnara (Quedas do Iguaçu)

Horário: 19h00 - 20h40

Vagas: 140

Físico na Indústria

Palestrante: Ricardo Yoshimitsu Miyahara (UNICENTRO)

Horário: 19h00 - 20h40

Vagas: 80

O reconhecimento das espécies ameaçadas: um desafio permanente

Palestrante: Renato Silveira Bernils (UFES)

Horário: 21h00 - 22h40

Vagas: 80

Química Forense: As Moléculas na Mira da Justiça

Palestrante: Matheus Manoel Teles de Menezes (IFSP - Campus Catanduva)

Horário: 21h00 - 22h40

Vagas: 140

Minicursos e Oficinas - das 19h às 22h40min

21: Tipagem Sanguínea: Palestrante: Dalila Benvegnu (UFFS), Luciana Graciano (UFFS) - 20 vagas

22: Avaliação como Fomentadora da Prática Reflexiva Docente: Palestrante: Cintya Fonseca Luiz (UNIOESTE) - 20 vagas

23: Pesquisa de Produtos Naturais: Screening Fitoquímico: Palestrante: Adriana Helena Wallerius (UNIOESTE), Juliete Gomes de Lara de Souza (UNIOESTE) - 20 vagas

24: Jogos Didáticos no Ensino: Palestrante: Sérgio Roberto Massagli (UFFS), Saulo Gomes Thimoteo (UFFS) - 20 vagas

25: História da Ciência e o Ensino de Ciências: Palestrante: Aline Trzeciak (UNIOESTE), Luciani de Oliveira (UNIOESTE) - 20 vagas

### **Sexta-feira (09/09)**

Local: Campus Realeza

Minicursos e Oficinas - das 13h30min às 17h30min

17: Minifoguetes: Palestrante: Nicholas Dicati Pereira da Silva (UFPR) - 20 vagas

18: Desenho Geométrico: Palestrante: Carlos Cecatto (UFFS) - 20 vagas

19: Técnicas de Campo para Amostragem em Riachos: Palestrante: Gilza Maria de Souza Franco (UFFS), Rui Márcio Franco (UNIOESTE) - 20 vagas

26: Avanços em Preparo de Amostra: Palestrante: Liziara da Costa Cabrera (UFFS) - 20 vagas

27: Currículo Lattes: Palestrante: Adelita Maria Linzmeyer (UFFS) - 20 vagas

Minicursos e Oficinas - das 19h às 22h40min

28: Biodiesel: Produção e Controle de Qualidade: Palestrante: André Gallina (UFFS) - 20 vagas

29: HQs: do teórico ao computacional: Palestrante: Gisele Louro Peres (UFFS), André Salapata (UFFS) - 20 vagas

Sessão Especial

Autoavaliação do curso de Física - Licenciatura

Horário: 19h00 - 20h40

Local: Campus Realeza

Apresentação de Trabalhos

Horário: 21h00 - 22h40

Local: Campus Realeza